



RAP COMO PROCESSO DE INFORMAÇÃO E FORMAÇÃO POLÍTICA E PEDAGÓGICA: UM CASO DAS BATALHAS DE RIMA NO SUDESTE BRASILEIRO.

Palavras-Chave: BATALHAS DE RIMA, EDUCAÇÃO, DECOLONIALIDADE

Autoras/es:

MANUELA QUEIROZ DE SOUZA, FE, UNICAMP

Prof^a. Dr^a. DEBORA CRISTINA JEFFREY (orientadora), FE, UNICAMP

Me. Robson Bomfim Sampaio (coorientador), FE, UNICAMP

INTRODUÇÃO:

O *Hip Hop* é um movimento cultural urbano fundado no antigo movimento negro que inclui pessoas de diferentes cor/raças, etnias e nacionalidades, atualmente ele se constrói com a maioria dos indivíduos periféricos (Moura; Oliveira, 2013). Ele é um movimento artístico, não é apenas estético, ele vai além entrelaçando arte, conhecimento e identidade, ou seja, é um estilo de vida. O movimento *Hip Hop* se constrói nas ruas, isso significa que não se faz nenhum dos 4 elementos¹ trancados em um ambiente formal como: escola, biblioteca, museu, auditórios, etc. O que se chama de “rua” não é o que a palavra propriamente diz, apesar da rua ser um dos espaços de vivência e construção das 4 manifestações artísticas, ser *b-boy*, grafiteiro, *Mc* ou *DJ* são identidade e formações que se fazem no dia à dia em convivência com os seus iguais; a rua é todo aquele espaço que o sujeito marginalizado ocupa e disfruta, como por exemplo praças, becos e vielas. O *Hip hop* não se faz sozinho, não se aprende a ser nenhuma dos 4 elementos solitariamente, o *Hip Hop* é coletivo e está sempre conectado com o local onde ele se apresenta.

Dentro desse estilo de vida, que é o *Hip Hop*, a partir da junção dos seus elementos surgem vertentes² e dentre elas está o *RAP*³. O estilo de vida do *RAP* influencia nas ações cotidianas e nas relações sociais daqueles que participam do movimento, de modo que essas mudanças de vida são acolhidas, porque dão voz à uma narrativa auto-identitária (Macedo; Fiuza, 2013).

Além disso, há um subgênero do *RAP* chamado *Freestyle* que é elaborado através de rimas improvisadas na hora sem temas pré-estabelecidos, em que o *Rapper* e/ou *MC* tem que se atentar e encaixar suas rimas no *beat*⁴ (Silva, 2019). Essa modalidade surgiu na Jamaica nos anos 60 nos bailes de Kingston, com o nome de *o toaster*; esse movimento foi criado baseando-se diretamente no canto falado que acontecia em África (Queiroz, 2019).

No Brasil, as rodas de *freestyle* são popularmente conhecidas como batalhas de rimas, elas são a junção de dois elementos do *HIP HOP*: o *DJ* e o *MC*, que surgiram lá nos anos 90 nas ruas do Bronx, em Nova York (Moura, 2017). Atualmente, as rodas de rima são eventos culturais que se organizam em rodas, em praças e/ou locais públicos, estando no meio dois ou mais *MC's* que devem rimar de

¹ Os 4 elementos que constroem o *Hip Hop* são: *Break* (dança), *Grafite*, *Dj* e o *MC* (Mestre de Cerimônia).

² As principais vertentes do *Hip Hop* são: *Break Dance*, *Beat Box* e *RAP*.

³ A sigla *RAP* surge nos Estados Unidos com o significado de "*Rhythm and poesy*" (Ritmo e Poesia).

⁴ *Beat* é um acompanhamento instrumental utilizado de base para as rimas nas rodas de *Freestyle*.

improvisado dentro do tempo estabelecido e em cima do *beat* (fundo musical utilizado pelos *MC's* enquanto improvisam suas rimas)⁵.

Essas rodas culturais de *freestyle* têm organização autônoma que variam de acordo com o que é necessário para cada ambiente e cada duelo. O tempo dos duelos nas rodas de rima improvisada são divididas em *rounds*, que são partes e a cada parte, comumente, acontecem as votações para decidir o vencedor de cada *round*.

A presente pesquisa tinha como foco principal compreender como as Batalhas de rima atuam como processo de formação e informação política e pedagógica para jovens negros e periféricos (negros e não negros). Além de buscar entender como são os círculos formativos dos participantes das Batalhas (Imagem 1), porquê a juventude negra e periférica se identifica com esse modelo de roda cultural e como os duelos de *MC's* fazem o resgate decolonial de saber através da oralidade.

Imagem 1 - Batalha do Troco em Volta Redonda-RJ



Fonte: Linhares (2022)

METODOLOGIA:

Nesse projeto, foi utilizada a metodologia decolonial (Martins; Benzaquen, 2007), para identificar o processo de informação e formação política e pedagógica nas batalhas. As autoras (2017) aprofundam que a metodologia decolonial é o ato de ampliar a articulação de saberes diversos e a disposição de fazer produções acadêmicas que se interligam com as mudanças sociais atuais.

A característica desse modelo metodológico é a organização de uma análise mais igualitária para todos os tipos de conhecimento e diálogo aberto para várias fontes de produção de saber, sendo essas as decoloniais e as coloniais (Martins; Benzaquen, 2007). A metodologia decolonial de Martins e Benzaquem (2007) tem muitas possibilidades sendo elas: o apoio de metodologias comparativas que dialogam com pesquisadores de estudos decoloniais; adaptação de informações, tradução de ideias e experiências realizadas pelos diferentes contextos culturais e científicos (Quadro 1); e, por fim, a desestabilização da estrutura autoritarista e hierárquica. Porém ela se limita ao esbarrar com a demanda acadêmica e dos movimentos sociais ativistas quando se trata das trocas frequentes de informações (Martins; Benzaquen, 2007).

Quadro 1 - Operalização da Matriz Metodológicas

Categories Ontológicas	Marcadores de Colonialidade	Marcadores de Decolonialidade	Utilizado nesta pesquisa
Saber	Eurocentrismo; Neutralidade do saber; Hegemonia de um saber específico.	Questionamento do eurocentrismo; Saberes contextualizados e incorporados; Conjugação de diferentes saberes no sentido de melhor informar uma prática transformadora.	Questionamento do eurocentrismo; Saberes contextualizados e incorporados; Conjugação de diferentes saberes no sentido de melhor informar uma prática transformadora.
Poder	Autoritarismo Individualismo	Práticas de democracia radical interna e externa (redes e articulações); Solidariedade	

⁵ O improviso de rimas se dá em cima de um desafio (ataque) que gera uma resposta, que deve dialogar diretamente com dito pelo outro MC.

Ser	Identities que fixam e subjugam; Multiculturalismo (tolerância da diferença); Primazia de um ator para fazer a transformação social.	Identities que descolonizam o ser; Interculturalidade (respeito a diferença); Ampliação do conceito do sujeito contra-hegemônico.	Identities que descolonizam o ser; Interculturalidade (respeito a diferença); Ampliação do conceito do sujeito contra-hegemônico.
-----	--	---	---

Fonte: Adaptação do quadro de Martins e Benzaquen (2007).

De acordo com esse quadro pode-se comparar de forma direta as diferenças das perspectivas coloniais e decoloniais. Ele é um modelo direto de análise comparativa dos diversos contextos.

Essa pesquisa se utilizou da análise igualitária entre os conhecimentos, do diálogo com os saberes hegemônicos e do amplo debate sobre as fontes do saber contestando ou ressignificando (Martins; Benzaquen, 2007).

RESULTADOS E DISCUSSÃO:

No Brasil, a escola é reprodutora da lógica colonial eurocêntrica, de modo que a população negra, neste espaço, ocupa o lugar de exclusão e discriminação (Pires *et al.*, 2018). Segundo o Censo do IBGE⁶, de 2019, 71,7% dos jovens que deixaram a escola são negros (Palhares, 2020), porém esse alto percentual de evasão do público negro não pode ser atrelado apenas às desigualdades sociais, pois o racismo e a ausência das culturas e identidades negras no dia à dia escolar são fatores determinantes para o abandono das práticas escolares pela juventude negra (Gonçalves, 2014).

A cultura colonial dominante ataca cotidianamente os valores, características, símbolos e crenças da população negra, de modo que esta não se sente pertencente aos espaços escolares (Pires *et al.*, 2018). Esta exclusão de estudantes negros na educação brasileira é histórica, visto que, a escola foi criada e pensada por uma parcela da população branca, tendo contato com pessoas negras apenas quando entendida como processo de dominação e controle desses corpos, afim de torná-los espelhos da cultura eurocêntrica e do padrão branco europeu (Passos, 2012).

Sendo assim, como um modo de sobrevivência, resistência e luta, diante dos conflitos culturais e raciais traçados nos dias atuais, pessoas marginalizadas (sujeitos periféricos e de maioria negra) alcançam conhecimentos através de trocas com integrantes das próprias comunidades negras que, portanto, são multiculturais (Pires *et al.*, 2018).

O *HIP HOP* é uma episteme e espaço de troca de conhecimentos com integrantes da comunidade marginalizada, ou seja, por isso surge o sentimento de identidade e pertencimento, tendo em vista que, ideologicamente, dentro dele, todos têm lugar construção de fala.

O *RAP* é um movimento revolucionário e pedagógico, ele educa e salva pessoas através da conscientização sobre a problemática do uso de drogas e delitos, informa e propõe conhecimento sobre caminhos que não sabemos que existiam, fazendo assim formação/transformação de sua visão política (Loureiro, 2015). Sendo assim conectado com a decolonialidade, pois ambos criticam e problematizam o instrumento eurocêntrico colonial do poder, ser e do saber, mesmo sem o *RAP* reconhecê-lo por este nome (Carola; Montés, 2019).

Em boa parte das periferias brasileiras a juventude não tem acesso com educação de qualidade, ou espaços informacionais e/ou profissionais capacitados para ajudá-los na busca por informação; e é por isso, que parte dos indivíduos periféricos, criam seus próprios meios de informação, pois nele suas realidades, histórias e necessidades são respeitadas (Machado; Prado, 2010). Pode-se atrelar a essa característica do *RAP* como uma das principais responsáveis pela notoriedade do mesmo na vida dos

⁶ Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

jovens periféricos. Loureiro (2015) compreende que o *RAP* é propício de fornecer conhecimento e comunicação, por meio das críticas sociais e narração de outras realidades.

Todavia, os conhecimentos repassados nas letras de *RAP* e no *freestyle* não são parte apenas do senso comum, sem um embasamento teórico. O processo autoeducativo dos Mcs fazem parte da dinâmica formativa da sua visão política sobre o mundo, porém não se trata de um processo exclusivamente individual, ele se dá através da partilha coletiva de informações e conhecimentos.

Além disso, as batalhas não formam apenas jovens negros sobre o letramento racial, considerando que a compreensão e edificação de atividades que permeiam o conceito de raça e culturas advindas da Diáspora não torna a educação restrita à população negra, pelo contrário cria-se uma educação mais igualitária e democrática (Gomes, 2012).

CONSIDERAÇÕES FINAIS:

As escolas brasileiras são reprodutoras da lógica colonial eurocentrista e se beneficiam do racismo estrutural que inferioriza estudantes negros e a sua cultura através dominação afim de tornar pessoas não brancas em espelhos da cultura eurocêntrica. Ao evadirem do sistema escolar, a juventude negra busca espaços que o entendam enquanto indivíduos negros e não como meros objetos do padrão eurocêntrico. Contudo, é no *Hip Hop* e nas batalhas de rima que os jovens negros e periféricos encontram-se com os seus semelhantes e criam o sentimento identitário e de pertencimento, através da luta antirracista e de resistência ao Estado. O movimento aparenta ser mais acolhedor que a escola, que por consequência, traz elementos que falam sobre autoestima negra, representatividade, herança e valorização cultural negra.

Por fim, as batalhas têm um importante papel na construção da consciência dos seus participantes, na qual a sua mensagem sensibiliza os jovens sobre que a vida no crime não compensa e sobre o uso de drogas letais, e na estruturação do conhecimento decolonial confrontante ao sistema educacional oficial. Porém, só as rodas de *freestyle* por si só não bastam para criar um ensino decolonial, é necessário a criação de ações afirmativas, que tendem a diminuir a desigualdade racial e educacional dessa população negra e periférica, e reformas do currículo obrigatório para que ele seja mais acolhedor.

BIBLIOGRAFIA

CAROLA, Carlos Renato; MONTÉS, Rafael Valls. **América Latina e Abya Yala no ensino de história espanhol: o “descobrimento”, a conquista e as controvérsias da leyenda negra**. *História da Educação*, v. 23, 2019. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/2236-3459/82571>>. Acesso em: 04 abr 2023.

GOMES, Nilma Lino. **Movimento negro e educação: ressignificando e politizando a raça**. *Educação & Sociedade*, v. 33, n. Educ. Soc., 2012 33(120), p. 727–744, jul. 2012. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S0101-73302012000300005>>. Acesso em: 24 fev 2023.

LINHARES, Lucas. **Hip-Hop: Batalhas de Rima se tornam patrimônio cultural de Volta Redonda**. Prefeitura de Volta Redonda, 2022. Disponível em: <<https://www.voltaredonda.rj.gov.br/noticias/14-smc/5932-hip-hop-batalhas-de-rima-se-tornam-patrim%C3%B4nio-cultural-de-volta-redonda/>>. Acesso em 24 jul 2023.

LOUREIRO, Braúlio Roberto de Castro. **Autoeducação e formação política no ativismo de rappers brasileiros**. Campinas: Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, 2015. Disponível em: <<http://repositorio.unicamp.br/Acervo/Detalhe/961741>>. Acesso em: 28 out 2022.

MACEDO, Iolanda; FIUZA, Alexandre Felipe. **A educação informal e o rap como agente educativo**. São Paulo: EccoS–Revista Científica, n. 31, p. 17-32, 2013.

MACHADO, Elisa Campos; PRADO, Geraldo Moreira. **O rap como elemento desencadeador de informação e conhecimento**. João Pessoa: Informação & Sociedade, v. 20, n. 1, p. 51-60, 2010. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/20.500.11959/brapci/93072>>. Acesso em: 07 set 2023.

MARTINS, Paulo Henrique; BENZAQUEN, Júlia Figueiredo. **Uma proposta de matriz metodológica para os estudos decoloniais**. Cadernos de Ciências Sociais da UFRPE, Recife, v. 2, n. 11, pp. 10-31, ago., 2017. Disponível em: <<https://encurtador.com.br/hinyS>>. Acesso em: 16 mai. 2022.

MOURA, Beatriz. **Por que as batalhas de rimas estão mais populares do que nunca**. Vice, 2017. Disponível em: <<https://encurtador.com.br/cvKQ0>>. Acesso em: 17 mai. 2022.

MOURA, Elaine; e OLIVEIRA, Silva. **Identidade e reconhecimento na cultura de rua**. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - UNESP – Universidade Estadual Paulista “Julho de Mesquita Filho”. Araraquara, 2013. Disponível em: <<https://encurtador.com.br/pHJU9>> Acesso em: 04 dez. 2022

PALHARES, Isabela. **Negros são 71,7% dos jovens que abandonam a escola no Brasil**. Folha de São Paulo, 2020. Disponível em: <<https://encurtador.com.br/DLWZ8>>. Acesso em: 17 abr 2022.

PASSOS, Joana Célia dos. **As desigualdades educacionais, a população negra e a Educação de Jovens e Adultos**. EJA em debate, 2012. Disponível em: <<https://periodicos.ifsc.edu.br/index.php/EJA/article/view/998>>. Acesso em: 12 out 2022.

QUEIROZ, Amarino Oliveira de. **Griots, cantadores e rappers: do fundamento do verbo às performances da palavra**. Revista de Estudos Africanos, nº 0, p. 107-118, 2019. Disponível em: <<http://doi.org/10.15366/reauam2019.0.005>>. Acesso em: 18 mai 2023.

SILVA, Rômulo Vieira da. **As Batalhas de YouTube: performances digitais do RAP Freestyle não improvisado**. In: Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 42, 2019. Belém-PA. Anais eletrônicos. Belém: Intercom, 2019. Disponível em: <<https://encurtador.com.br/qyDV7>>. Acesso em 14 mai 2023.

PIRES, Amanda Lisboa Moreno; SILVA, Rosiléia Santana da; SOUTO, Verena Souza. **Dos mitos Iorubá a descolonização didática: dos direitos, identidades, proposta didática para o ensino**. In: PINHEIRO, Bárbara Carine Soares; ROSA, Katemari. **Descolonizando Saberes**. São Paulo: Editora Livraria da Física, pp. 41-54, 2018.